

Construção de Representações sobre o Acre: Uma Análise na Matéria “*Monstro de Xapuri pega mais de 28 anos de prisão pelo assassinato de delegado*” do Jornal Opinião¹

Amanda de Sousa da Silva²

Diogo Azoubel³

Universidade Federal do Acre - UFAC

RESUMO

O objetivo da discente é compreender como a organização da matéria produz representações sobre a perspectiva do Acre e de que forma a manchete contribui para o apagamento do sujeito. A hipótese é que a organização da matéria com a manchete cria representações sobre o Acre a partir da perspectiva de que no estado existem monstros. Por meio dos autores como Hall (2016), Freire (2015) e Queirós; Mendes (2018) e a análise das categorias: eidético, cromático e topológico. Os resultados, o jornalismo não apenas cria representações, mas também reafirma imaginários e constrói discursos estereotipados.

PALAVRAS-CHAVE: Representações; Jornal Impresso; Acre; Jornalismo; Jornal Opinião.

INTRODUÇÃO

As representações significam representar algo sobre algo ou a construção de sentidos, podendo ser comunicadas por meio da expressão e simbolizar. Com isso, a representação contribui para a construção de linguagem. Mas como é que as representações são construídas? Diante disso, o trabalho intitulado Construção de Representações sobre o Acre: Uma análise na matéria “*Monstro de Xapuri pega mais de 28 anos de prisão pelo assassinato de delegado*” do Jornal Opinião, em que a discente busca compreender como a organização da matéria produz representações sobre a perspectiva do Acre e de que forma a manchete contribui para o apagamento do sujeito. A justificativa é de que a organização da matéria com a manchete cria representações sobre o Acre a partir da perspectiva de que no estado existem monstros.

Para isso, a elaboração desta pesquisa por meio da análise dos termos: “*Monstro de Xapuri*” e “*escondeu na mata*”, em que a partir das análises, pode-se refletir sobre como o jornalismo

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT12NO- Estudos da Comunicação), evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

²Graduanda do 5º período do Curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal do Acre (Ufac). e-mail: sousa.amanda@sou.ufac.br.

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal do Acre (Ufac). e-mail: diogo.azoubel@ufac.br.

pode criar representações negativas sobre o Acre com discussões de autores como Freire (2015) que aborda a homogeneização de discursos sobre a região amazônica, Hall (2016) que disserta como a representação se comporta por meio da linguagem, dentre outros.

Espera-se com o estudo desta pesquisa de como a combinação de verbal, visual e espacial da matéria do Jornal Opinião contribui para a construção de representações sobre o Acre que visa perceber os impactos sociais que representações estigmatizadas auxilia nas percepções sobre o estado.

REFERENCIAL TEÓRICO

O que significa representar? Representar é dá sentido. É construir narrativas, como afirma Hall (2016) é simbolizar alguma coisa e produzir semelhança de algo na mente. Neste sentido, a linguagem e a cultura também é uma construção de sentido, pois é através disso que se representa algo ou dá significado, conforme Hall (2016, p.31) “[...], a representação conecta o sentido e a linguagem à cultura”.

Isto pode ser observado nos viajantes europeus como La Condamine e Euclides da Cunha cujo através das suas perspectivas conceitual, a partir de uma expedição sobre o que tem na Amazônia, em que relatam do que havia na amazônia, no ano de “ [...] 1500, no “novo-membro” - foram sendo produzidos imagens, metáforas e tratados científicos sobre “sociedade” e “natureza” que concorreram para a “invenções da Amazônia” (Albuquerque, 2016, p. 80).

No Acre ou na Amazônia, os conceitos do que existe são representações de viajantes, em que o autor Albuquerque (2016) denomina de amazônialismo, que é um conjunto de narrativas sobre a região amazônica, “[...] que inventa, descreve, classifica, cataloga [...]” (Albuquerque, 2016, p. 77). No jornalismo também não é diferente, seja na parte verbal, visual ou espacial, pois são colocados enquadramentos que não representam ou fazem sentido para o leitor.

São interpretações que circula nos meios de comunicação também criam um impacto sobre o que é a Amazônia ou que tem no Acre, de acordo com Freire (2015, p.79) “ São ideias, conhecimentos, especulações, representações em movimento que dão uma caracterização inventiva singular à região amazônica e circulam com rapidez nos diferentes âmbitos sociais”. Com isso, as representações negativas impactam na identidade local do estado do Acre, que reforça um reconhecimento estigmatizado com o contexto de imaginário.

De que forma o jornalismo pode contribuir para a disseminação das ideias a respeito

da Amazônia acreana, ainda segundo a autora Priscila Freire (2015), diz que a problematização da linguagem se torna importante para os discursos que projetam uma visão negativa sobre a região amazônica.

Nisso, as matérias jornalísticas tendem a levar o estado do Acre para apenas um único lado: meio ambiente e como distância dos outros estados do Brasil, que configura em representações que ressalta que amazônia é riqueza ou exótica, como complementa Freire (2015, p.83) “O que é representativo dessa região é primeiramente enquanto um bioma”, onde o foco é a preservação da biodiversidade, mas sem a importância da população presente.

Quando se trata da biodiversidade, a própria palavra deixa claro que a Amazônia não é apenas animais, mas sim uma diversidade que compõe a região. Com isso, o termo “Monstro de Xapuri”, homogeneiza o Acre e o município, em que é colocado o sujeito com a ideia de animal estranho, o que reafirma a manutenção destas representações nos discursos do campo jornalístico.

Por meio das representações se nomeia os sujeitos ou aquilo que se ver, tendo em vista que nomear criam significados sobre a identidade do outro como forma de controle social, “[...] como estratégias ideológicas de construção simbólica que visam a naturalizar, universalizar e legitimar normas e convenções de conduta, identidade e valor que emanam das estruturas de dominação social vigentes” (Freire Filho, 2004, 48).

ANÁLISE DA MATÉRIA

A matéria (figura 1) intitulada “*Monstro de Xapuri pega mais de 28 anos de prisão pelo assassinato de delegado*”⁴, publicada em 02 de julho de 2015 no jornal impresso Opinião, disserta que Elivan Verus da Silva, de 32 anos, foi condenado há 28 anos e 6 meses de prisão pelo homicídio duplo qualificado pela morte do delegado Antônio Carlos Marques de Melo, e por sequestro de Maria de Fátima Abreu Sarkis.

Figura 1 - Matéria do jornal impresso

⁴ MONSTRO de Xapuri pega mais de 28 anos de prisão pelo assassinato de delegado. In: Jornal Opinião - Edição: 505, 02 de jul.2015, p. 11 Disponível em: <https://www.calameo.com/read/0031612227554fb41c3ae>. Acesso: 30 de mar. 2025.

POLÍCIA

Agora sentenças somam 66 anos

Monstro de Xapuri pega mais 28 anos de prisão pelo assassinato de delegado

REPÓRTER OPINIÃO

O Tribunal do Júri Popular da Comarca de Xapuri condenou ontem Elivan Verus da Silva, 32, a 28 anos e seis meses de prisão pela morte do delegado de Polícia Civil Antônio Carlos Marques Mello, o “Carioca”, e sequestro contra Maria de Fátima Abreu Sarkis. Somada a já condenação de 38 anos pela morte da adolescente Janaina Costa, o “Monstro de Xapuri”, como é conhecido na comunidade local, cumprirá 66 anos de prisão em regime fechado.

Conforme o Tribunal de Justiça, o indivíduo foi condenado ontem por crime de homicídio duplamente qualificado contra o delegado e pelo sequestro de Maria de Fátima Sarkis. Foram ouvidas sete testemunhas arroladas pelo Ministério Público do Acre (MPAC) e mais quatro pela defesa, além da vítima do sequestro e o réu.

No último dia 17 de junho, o Monstro de Xapuri já havia



Elivan Verus da Silva já tinha sido condenado a 38 anos por morte de adolescente

sido submetido ao Conselho de Sentença pela morte da adolescente Janaina Costa e pela tentativa de homicídio da mãe da menor. Pelos crimes Elivan Verus foi condenado a 38 anos de prisão em regime inicialmente fechado.

Entenda o caso

Elivan Verus da Silva era acusado por homicídio praticado contra o delegado de Polícia Civil, Antônio Carlos Marques Mello, o Carioca, no dia 8 de janeiro de 2015.

Ele foi alvejado no dia 14 de dezembro do ano passado, quando perseguia em operação policial o acusado, o qual resistiu à prisão e atirou contra o investigador da Polícia Civil.

Embora tenha sido socorrido e levado ao hospital, o delegado faleceu, após mais de 20 dias internado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital das Clínicas do Acre, em Rio Branco

Os fatos

Segundo consta na denúncia ministerial, no dia 14 de dezembro de 2014, na fronteira entre Brasil e a Bolívia, o denunciado adquiriu uma espingarda, calibre 20, de uma pessoa não identificada e, por volta de 17 horas, abordou a vítima Maria de Fátima, sua namorada, no momento em que ela saía de sua propriedade rural.

Armado com essa arma de fogo e com um terçado que trazia na cintura, ele a obrigou a levá-lo na cidade, dentro de uma caminhonete Hilux, sob a

mira da espingarda.

Durante o percurso, a vítima tentava acalmar o denunciado que se mostrava bastante nervoso, ameaçando ainda matar o caseiro da vítima, caso sua ordem fosse desobedecida.

Neste meio tempo, as polícias Civil e Militar foram acionadas por terceiros, com a informação de que o denunciado estava mantendo Maria de Fátima sequestrada no veículo. Na zona urbana de Xapuri, o réu percebeu a presença da viatura policial e determinou que ela empreendesse fuga, porém seu veículo foi bloqueado pela polícia.

Maria de Fátima então se refugiou na traseira da caminhonete, enquanto Elivan, com a sua espingarda em punho, de fora do carro, disparou contra o delegado, atingindo-o na altura do abdômen, que logo caiu ao chão.

Após isso, o acusado fugiu e se escondeu na mata, sendo que o delegado de Polícia não resistiu e veio a óbito no dia oito de janeiro. (Com informações Gecom TJAC)

Fonte: Jornal Opinião (2015)

As análises se darão pelas categorias pictóricas com os métodos de formantes eidéticos que tem como objetivo os elementos visuais. Cromático, as cores do jornal e topológico com a organização espacial da matéria. Em um primeiro momento, torna-se necessário analisar os elementos visuais do jornal impresso, como a fotografia, manchete e o conteúdo do texto.

Primeiramente, a manchete “*Monstro de Xapuri pega mais de 28 anos de prisão pelo assassinato de delegado*”, em que o termo “*Monstro de Xapuri*” e “*escondeu na mata*” cria representações negativas sobre o que tem no Acre, pois a palavra monstro se refere há um animal estranho e sobrenatural e o fato de Xapuri ser um dos municípios do interior do Acre, com isso, como afirma Queiros e Mendes (2018, p.27) “É uma espécie de esboço negativo do que é o outro”, pois o negativo se dá para o interior pelo fato de ser considerado “não-civilizado”.

Neste segundo momento, o conteúdo do texto mostra uma outra perspectiva sobre do que se trata a matéria, pois na manchete o que deixa o destaque é a morte do delegado, só que

no corpo do texto, a graduanda compreende que os 28 anos de prisão são pelo o duplo homicídio qualificado incluindo outra vítima Maria de Fátima Abreu Sarkis.

É evidente que o jornalismo, a partir dos critérios de noticiabilidade, excluiu a identidade de Maria de Fátima, pois segundo o autor Erbolato (1979), as notícias são classificadas por meio da credibilidade do que é e do que não é importante, mas questiono qual das duas vítimas precisa está na manchete?

No jornalismo, a fotografia carrega o valor informativo, em que “[...] pode ajudar a quebrar a monotonia do texto verbal, [...]” (Forechi; Hoff; Cerigatto, 2020, p. 24), mas, além disso, a imagem pode criar sentimentos e emoções, que consequentemente causa impactos, como por exemplo, as cores preto e branco traz o ideia de sombrio sobre Elivan Verus da Silva, o qual reafirma o que está escrito na manchete “*Monstro de Xapuri*”, em que o ponto de vista altera a forma e a estrutura da foto, como afirma Sousa (2002, p. 90) “A cor permite atrair a atenção, mas também é um agente conferidor de sentido, em função do contexto e da cultura”.

Para finalizar, a organização da matéria se dá na forma de unificação que a ideia da igualdade ou semelhança segundo Gomes Filho (2008) da tonalidade das cores em que mesmo o título e o corpo do texto não tenha as mesmas fontes, as cores revela uma unificação da matéria, o que acaba de homogeneizando o conteúdo e os personagens.

COMENTÁRIOS

Em síntese, é possível entender que os elementos visuais: verbal, visual e espacial que compõem a matéria possuem significados que reforçam representações, estereótipos e imaginários e produz narrativas mitológicas.

Neste sentido, as análises evidenciam que a centralização e destaque da matéria não apenas pelo o fato de Elivan Verus da Silva ter cometido crime de sequestro contra Maria de Fátima da Silva, mas pela a morte do delegado Antônio Carlos Marques de Melo, que aponta a seletividade da construção da notícias que privilegia alguns personagens e excluindo a vítima mulher. Assim, é visto que o jornalismo não apenas cria representações, mas também reafirma imaginários e constrói discursos estereotipados como “*Monstro de Xapuri*”.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf. **Uwakürü: dicionário analítico**. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. *Amazonialismo*. Rio Branco: Nepan Editora, 2016, p. 73-95.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário.** In: Capítulo 3 Notícia, matéria-prima do jornalismo, 1979, p. 49-63.

FREIRE FILHO, João. Mídia, estereótipo e representação das minorias. **Revista Eco-Pós**, v. 7, n. 2, p. 45-51, 2004. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1120/1061. Acesso em: 15 abr. 2025.

FORECHI, Marcilene; HOFF, Rafael S.; CERIGATTO, Mariana P.; et al. **Fotojornalismo: técnicas e linguagens.** In: O impacto da fotografia no jornalismo. Porto Alegre: SAGAH, 2020. E-book. p.23.

FREIRE, Priscila. **Discursos sobre a Amazônia na mídia.** In: Capítulo 1 Interpretação de texto e um olhar sociológico a partir da hermenêutica e Capítulo 3 Interpretações da Amazônia por uma hermenêutica dos artigos dos jornais. Curitiba, Editora Appris, 2015, p. 120.

GOMES FILHO, João. Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma. In: Categorias Conceituais. São Paulo: Escritoras editora, 2008.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

MONSTRO de Xapuri pega mais de 28 anos de prisão pelo assassinato de delegado. In: Jornal Opinião - Edição: 505, 02 de jul.2015, p. 11 Disponível em: <https://www.calameo.com/read/0031612227554fb41c3ae>. Acesso: 30 de mar. 2025.

QUEIRÓS, Francisco Aquinei Timóteo; MENDES, Francielle Maria Modesto. Caudal identitário: representação, imaginário e estereótipo no documentário O Acre Existe. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 32, n. 79, 2018, p. 25-33.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa.** In: Capítulo 4 - Para gerar sentido: linguagem fotojornalística. Porto, 2002.